

**Feminização da Profissão Docente:** as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental

Patrícia Costa Ataíde<sup>1</sup>

Iran de Maria Leitão Nunes<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo versa sobre a Feminização da Profissão Docente e está subdividido em três subtítulos: identidade e profissão docente: um processo em construção e representações das professoras sobre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. Tem-se por objetivo refletir sobre as representações das mulheres professoras sobre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. Utilizamos como procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica e a técnica de grupos focais. Nessa perspectiva, buscou-se fundamento em Dubar (1997) e Chartier (1990). Os achados deste estudo nos levaram a compreender que as protagonistas desse estudo acreditam que em se tratando de profissão docente, as mulheres têm um perfil para ensinar crianças e os homens para o ensino dos alunos maiores ou adultos, devido a características inerentes ao gênero.

**Palavras-chave:** Mulher. Docência. Feminização.

**Feminization of the Teaching Profession:** the representations of the teachers about being a woman and being a teacher of elementary school

## ABSTRACT

This article deals with the Feminization of Teaching Profession and is divided into three sections: identity and the teaching profession:

1 Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia da Universidade Federal do Maranhão. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: ataidepaty@yahoo.com.br.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão e do Departamento de Educação II. Pós-doutora em Educação. Editora da revista cadernos de Pesquisa da UFMA. E-mail: irandemaria@hotmail.com.

a process under construction and representations of teachers about being a woman and being an elementary school teacher. It has been designed to reflect on the representations of female teachers about being a woman and being an elementary school teacher. We use as instruments, the literature and the technique of focus groups. From this perspective, it sought to ground Dubar (1997) and Chartier (1990). Our findings led us to understand that the protagonists of this study believe that when it comes to teaching profession, women have a profile for teaching children and men for teaching major or adult learners, because of inherent gender characteristics.

**Keywords:** Woman. Teaching. Feminization.

**Feminización de la profesión docente:** las representaciones de las maestras sobre la relación entre ser mujer y ser una maestra de la enseñanza primaria

## **RESUMEN**

Este artículo se ocupa de la Feminización de la Profesión Docente y se subdivide en tres secciones: identidad y profesión docente: un proceso en construcción y representaciones de las maestras sobre ser mujer y ser maestra de enseñanza primaria. Tiene el objetivo de reflexionar sobre las representaciones de las mujeres maestras sobre ser mujer y ser maestra de la enseñanza primaria. Fue utilizado como procedimientos metodológicos, la búsqueda bibliográfica y la técnica de grupos focales. En esta perspectiva, se buscó fundamentación en Dubar (1997) y Chartier (1990). Los resultados de este estudio nos llevaron a comprender que las protagonistas de este estudio creen que en lo que se refiere a la profesión docente, las mujeres tienen un perfil para la enseñanza de niños y los hombres para la enseñanza de alumnos mayores o adultos, debido a las características inherentes al género.

**Palabras clave:** Mujer. Enseñanza. Feminización.

## Introdução

Os papéis sociais têm sido reproduzidos historicamente, tanto dentro da família, quanto nos demais espaços sociais, sempre na perspectiva de defender a superioridade masculina alicerçada pela visão de naturalidade que lhe é dada, e inscrita nas relações de poder em que, segundo Bourdieu (1999), o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas.

Dessa maneira, compreende-se que mulheres e homens estão envolvidos em relações socioculturais, que transcendem as questões biológicas, o que remete à adoção da categoria gênero em detrimento de sexo. Isso porque

[...] o conceito de gênero, desenvolvido pela teoria feminista na década de 80, refere-se a um sistema de relações de poder baseadas em um conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens. As relações de gênero (assim como as de classe e raça ou etnia) são determinadas pelo contexto social, cultural, político e econômico. Enquanto o sexo (parte biológica – órgãos) é determinado pela natureza, pela biologia, o gênero é construído historicamente, sendo, portanto, variável e mutável. (SOUZA; CARVALHO, 2003, p. 8).

Assim sendo, mulheres e homens têm a sua identidade construída socialmente, em decorrência do contexto vivido e da forma como o mundo lhes foi apresentado pela família, escola, comunidade, enfim, pelos grupos sociais sob o prisma da cultura de exploração e machismo dominante.

Mulheres e homens têm passado por um processo de construção que impõe estereótipos e padrões de comportamento que são utilizados como justificativa para o exercício de determinadas profissões, como é o caso da docência, que reflete o ranço patriarcal capaz de definir atribuições femininas e masculinas na educação, cuja tendência é destinar aos homens os cargos de comando ou a docência em níveis de ensino mais elevados, e às mulheres, os níveis considerados mais elementares, como a educação infantil e o ensino fundamental.

Apesar da feminização da docência, as funções de maior prestígio social e os melhores salários ainda são destinadas aos homens. Segundo o Censo Educacional (BRASIL, 1997) uma professora, de 1ª à 4ª série do ensino fundamental recebia, em média, um salário líquido mensal de R\$425,60, enquanto que no ensino médio o salário era de R\$700,19. Observa-se que a média salarial aumenta conforme a maior presença de homens no nível de ensino, já que, o ensino fundamental de 1ª à 4ª série abrange maioria absoluta de mulheres e no ensino médio, verifica-se que a atuação de homens é maior.

Dados mais atuais revelam que os níveis de ensino em que os homens exercem a docência continuam apresentando os melhores salários se comparados aos níveis de maior presença de mulheres na profissão. De acordo com as estatísticas do rendimento mensal de professores e professoras (BRASIL, 2006) a média salarial brasileira no ensino fundamental é de R\$873,00 e no ensino médio é de R\$1390,00. Em se tratando da região nordeste, a média salarial no ensino fundamental é de R\$585,00 e no ensino médio é de R\$1.180,00.

Tecendo-se uma comparação entre esses dados percebe-se que do ano de 1997 a 2006, houve um aumento na média salarial brasileira de 105,12% no ensino fundamental e de 98,5% no ensino médio o que, no entanto, não representou uma mudança em termos de equidade salarial entre os dois níveis de ensino, pois se em 1997 a diferença salarial entre os níveis fundamental e médio era de R\$274,59 e em 2002 passa a ser de R\$517,00. Observa-se, portanto, que a mudança salarial nesses nove anos continua revelando que os níveis de ensino de maior ocupação feminina na docência continuam com os menores salários.

Se de um lado, a presença feminina na profissão docente se dá de forma mais efetiva nos primeiros níveis da educação básica, por outro, são justamente esses níveis que requerem uma dedicação profissional em que a docência é confundida com a extensão da maternidade – a escola como a extensão do lar - e a professora vê sua identidade profissional trocada pelo papel da tia.

A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme

a professora em tia de seus alunos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, "longe" dos alunos. (FREIRE, 1997, p. 9).

De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (BRASIL, 2002) sobre a população economicamente ativa, dentre as mulheres ocupadas no magistério, 94,6% concentravam-se na educação infantil, 87,6% trabalhavam no ensino fundamental, 73,9% realizavam atividades docentes no ensino médio e 45,9% exerciam seu trabalho no ensino superior.

Dessa forma, é preciso considerar a docência com base em sua historicidade, como forma de compreender o processo de construção desse campo profissional e este processo discriminatório ainda presente em nossos dias.

Na Antiguidade ateniense mulheres e escravos não eram considerados cidadãos, portanto, não poderiam desfrutar da educação e das decisões políticas. Apesar das contribuições dos sofistas, com a memorização e os discursos, de Sócrates, através da ironia e da maiêutica, e de Platão, por meio da formação moral em prol da república, o espaço para a atuação feminina na educação era restrito.

O período medieval teve como marca o poder do catolicismo e do cristianismo, aos quais estava subordinada a educação, além do culto à Virgem Maria que atribuía à mulher a imagem da maternidade, pureza e docilidade, determinando assim, um perfil de comportamento tendencioso a limitar as ações e a participação feminina na sociedade.

Mudanças no âmbito científico, político e filosófico advindas do Renascimento, Racionalismo e Iluminismo, levaram à substituição da fé pela razão, no período Moderno, e ao surgimento de novas exigências sociais, inclusive na educação. Assim, paulatinamente, o aluno foi se tornando o foco da educação, porém, é importante considerar que

alguns educadores como Rousseau colocavam a educação das mulheres a serviço dos homens.

O período contemporâneo foi marcado por uma série de mudanças, como o advento do capitalismo e, na educação, registra-se a intervenção estatal, a laicização do ensino e a feminização da profissão docente.

A busca de elementos para facilitar a compreensão da docência resulta no entendimento dessa profissão como uma construção social, conforme Bourdieu (1989), que a caracteriza como produto de um trabalho social de construção do grupo e de uma representação dos grupos que se insinuou docemente ao mundo social.

A compreensão da identidade da profissão docente como resultante de um processo histórico de construção social a partir de fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, revela-se imperativa para a sua caracterização e diferenciação em relação a outras profissões.

De acordo com Erikson (1972) a consciência da identidade é um processo localizado simultaneamente no âmago do indivíduo, abrindo caminho para reflexão em torno do seu desenvolvimento pessoal, e na cultura coletiva em que esse indivíduo vive, permitindo a observação e a contínua transformação pela participação em diferentes círculos de vivência.

Assim sendo, a identidade parte da fusão de elementos caracterizadores dos indivíduos e localizados no tempo e no espaço de forma a torná-los singulares, inconfundíveis no conjunto de seus pensamentos, sentimentos e ações, perpassando pelos aspectos subjetivos e objetivos de sua existência.

Considerando que a compreensão da categoria identidade advém de uma série de contribuições da Filosofia, Sociologia, Psicologia e Antropologia, sendo, portanto, objeto de estudo de vários autores, optou-se, nesta pesquisa, pela noção de identidade proposta por Dubar (1997), que a define como o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições.

Segundo Dubar (1997) a divisão do Eu como expressão subjetiva da dualidade do social utiliza duas categorias socialmente disponíveis, que são os atos de atribuição, ou seja, a identidade para o outro, e os atos de pertença, que significam a identidade para si.

O autor também defende a existência de dois mecanismos de identificação nos processos heterogêneos, que algumas teorias tendem, de modo não convincente, a reduzir a um mecanismo único. O primeiro diz respeito à atribuição da identidade pelas instituições e pelos agentes diretamente em interação com o indivíduo, portanto, é imposto coletivamente, e o segundo, refere-se à incorporação da identidade pelos próprios indivíduos, que se utilizam de categorias que devem ser legítimas para si próprios e para o grupo a partir do qual define a sua identidade-para-si.

Essa noção de identidade oferece elementos relevantes para o entendimento de uma profissão que, mesmo sendo atualmente vista como feminina, revela em sua história ter sido uma ocupação de responsabilidade masculina.

Em se tratando da docência, a responsabilidade pela condução da profissão ficou, inicialmente, a cargo dos homens a quem cabia transmitir os conhecimentos aos seus alunos que, por sua vez, também eram homens, fato esse que somente começou a sofrer modificações no século XIX, período marcado mundialmente por uma série de mudanças que ocasionaram a abertura de novas possibilidades profissionais aos homens. Apesar de que várias mulheres também exerceram a docência, conforme buscamos explicitar, mas sem o devido registro ou reconhecida importância.

No Brasil do século XIX registra-se na docência a desvalorização profissional dos mestres-escola, como eram chamados os professores, expressa pelo desprezo à docência e pelos baixos salários, que contribuíram para a saída de muitos homens da profissão.

Em contrapartida, diante da ausência de profissionais que assumissem o ofício docente, abriu-se às mulheres a oportunidade de acesso à vida pública por meio de uma profissão que a partir daí começa a requerer docentes dóceis, resignadas e submissas que, para se

tornarem profissionais, estariam dispostas a pagar o preço da sujeição a condições desfavoráveis de trabalho.

Inicia-se, então, no país a feminização da docência, envolta no processo contínuo de redefinição da identidade do magistério, outrora definido como carreira masculina, que passa a adquirir característica do tradicionalmente considerado “profissão de mulheres”.

Para tanto, nos embasamos no conceito de representação de Chartier (1990) para quem, as percepções do social não são discursos neutros, mas produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Acreditando que a profissão docente, assim como a sua imagem, resultam de uma construção histórica, compreende-se que, atualmente, a escolha pela profissão esteja cercada de determinações e estereótipos que, mesmo inconsciente, levam muitas professoras a aceitarem com naturalidade o exercício profissional docente desenvolvido, em sua maioria, por mulheres no primeiro segmento do ensino fundamental.

Assim, é pertinente a busca por respostas a alguns questionamentos a respeito das professoras para saber se reconhecem as implicações da condição feminina para o exercício da docência nos anos iniciais do ensino fundamental e se compreendem os significados da maior presença feminina na docência nos primeiros anos do ensino fundamental em face da rara presença de professores nesse nível de ensino.

A opção por uma escola da rede pública municipal de São Luís deve-se ao fato dessa instituição de ensino desenvolver sua prática educativa apenas com o ensino fundamental, o que se coaduna com o nosso objeto de estudo.

Além disso, concorda-se com Stake (1994 apud ANDRÉ, 2005), para quem, o estudo de caso não é um método específico de pesquisa nem uma escolha metodológica, mas uma forma particular e uma escolha do objeto a ser estudado. Por isso, busca-se estudar a identidade e a feminização docente considerando o contexto específico de uma

escola como forma de estudar esse objeto de forma mais próxima, buscando compreender uma realidade específica.

### **Identidade e profissão docente:** um processo em construção

Conforme afirmam Ramalho et al. (2003, p. 49):

Cada profissão apresenta sua própria caracterização histórica, disciplinar, socioeconômica e política, o que ratifica a importância de estudar sua história, no sentido de aprofundar as especificidades e desenvolvimentos. Assim é possível compreender a tendência de fortalecimento, desaparecimento ou possíveis modificações nos diversos campos de atuação, o que implica na necessidade de explicar as profissões na sua gênese, desenvolvimento, tendências e perspectivas susceptíveis de mudanças.

Por essa razão, faz-se necessário reconhecer que a profissão docente, como as demais, teve e tem uma construção histórica no âmbito da cultura de várias sociedades em diferentes tempos e espaços. Neste percurso foi se constituindo sua identidade a partir do diferencial específico de sua formação, atuação e competência, distinguindo-a das outras profissões.

Compreender a identidade requer ir além dos conceitos preestabelecidos, das representações interpostas, pois clama pela inclusão das mediações culturais e influências sociais, que deixam suas marcas e derrubam a ideia de composição identitária exclusivamente pelos componentes internos, dando a ela, por conseguinte, um sentido mais amplo e inacabado.

Para Dubar (1997, p. 107) a identidade não pode ser analisada “fora dos sistemas de ação nos quais o indivíduo está implicado e resulta de ‘relações de força’ entre todos os atores implicados e da legitimidade – sempre contingente – das categorias utilizadas”.

Somando-se a isso, é relevante compreender a presença de aspectos subjetivos e objetivos no processo de construção identitária, em que atuam a interpretação de si próprio, bem como, a interpretação do outro sobre as ações, os gestos e as expressões manifestas. Dubar (2005) define como subjetivas as vivências da pessoa ao longo de

sua vida e como objetivos, os aspectos públicos, as posições sociais ocupadas pela pessoa em sentido mais amplo.

A identidade, de uma forma geral, refere-se, preferencialmente, a pertencimentos (DUBAR, 2005; 2009). Dessa forma, quando uma pessoa ingressa numa profissão, acaba assumindo para si e para os outros o seu pertencimento ao grupo. Isto posto, em se tratando da profissão docente, as professoras e os professores absorvem a linguagem e os símbolos que estão embebidos no seu cotidiano e que compõem a sua identidade profissional. Nesse sentido, Oliveira (2011) afirma que “a noção de identidade profissional está atrelada à compreensão de que o trabalho é necessidade humana, por isso precisamos fazer escolhas, tomar posições em relação ao tipo de ocupação que exerceremos ao longo da vida”.

No seio da identidade profissional, encontra-se a identidade docente, uma vez que, toda identidade docente é uma identidade profissional, no entanto, nem toda identidade profissional é docente. Assim sendo, a identidade docente é percebida por meio das atividades práticas, do discurso e da forma como as professoras e os professores representam a sua profissão, tendo por base seu arcabouço teórico, a forma como interpretam a realidade e suas perspectivas profissionais.

Portanto, é inegável a continuidade do processo de construção da identidade, identificado por Medina (1998) como de natureza permanente, de onde se conclui sobre o caráter inacabado dessa mesma identidade. Sob este prisma, percebe-se que a identidade docente está em constante processo de (re)construção pelas professoras e professores através do reconhecimento e pertencimento às atividades docentes.

Dessa forma, a identidade constrói-se e reconstrói-se no cotidiano, utilizando-se as percepções sobre os diferentes aspectos, que compõem a realidade, juntamente, com os sentimentos e as vivências pessoais e coletivas.

Assim sendo, é inconcebível pensar em profissão docente sem tocar na questão da formação como mecanismo necessário ao desenvolvimento de sua prática a partir do diálogo com os conhecimentos inerentes à profissão. Contudo, Nóvoa (1992) alerta que deve ser respeitada a experiência do mestre e levados em consideração

os processos dinâmicos e interativos da formação contínua, vividos em espaços concretos pelo coletivo que constitui esse grupo profissional.

### **Representações das professoras sobre ser mulher e ser professora do ensino fundamental**

Com o objetivo de perceber como ser mulher professora do ensino fundamental é representado pelas professoras do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, realizaram-se três encontros de grupos focais com cinco professoras em uma sala de aula de uma escola pública da rede municipal de São Luís, nos meses de outubro e novembro de 2012. As participantes mostraram-se muito solícitas a contribuírem com a pesquisa, bastante disponíveis e até mesmo, curiosas quanto à técnica de grupo focal.

Durante as três reuniões em que a técnica de grupos focais foi realizada, possibilitou-se o falar e o ouvir de mulheres que convivem profissionalmente, mas que, no entanto, ainda não haviam parado para refletir sobre a temática exposta, em que as abordagens variavam conforme a formação, concepção e vivência de cada uma. Isso nos permitiu em meio às suas falas, aos gestos e, até mesmos, aos silêncios, selecionar situações questionadoras e traduzir, com base nos objetivos propostos, o seu pensamento acerca do objeto de estudo pesquisado.

As reuniões aconteceram de forma tranquila, com a participação das cinco professoras, num espaço reservado de uma escola da rede pública municipal de São Luís, onde trabalham, já que, a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste (BARDIN, 2010).

Para nos situarmos a respeito das mulheres professoras participantes da pesquisa, nas próximas linhas, apresentaremos de forma sucinta, algumas informações sobre essas protagonistas, sem perder de vista a conservação do seu anonimato, conforme mencionamos anteriormente. Portanto, refletiremos sobre as representações de Abigail, Débora, Ester, Lídia e Miriã.

Nas falas das professoras foram encontrados vários aspectos a serem considerados para nosso estudo, haja vista que a profissão

docente é resultante de processos que envolvem mecanismos de atribuição da identidade pelas instituições e pelos agentes diretamente em interação com o indivíduo, e o de incorporação da identidade pelos próprios indivíduos, conforme mencionado por Dubar (1997).

Aqui, destaca-se o fato de que a maioria dessas mulheres escolheu a docência como profissão por conveniência e sob a influência de alguém, principalmente, dos pais.

Nem fui eu quem escolhi, foi meu pai. Minha mãe tinha falecido, aí nós fomos morar no interior, eu tinha terminado a 8ª série e tinha que ingressar no 1º ano, então meu pai disse que eu teria que fazer magistério pois, com magistério conseguiria emprego em qualquer lugar e isso foi me remoendo um bom tempo porque eu não queria, não queria mas, quando eu cheguei lá me apaixonei pela docência. (Professora Abigail).<sup>3</sup>

No depoimento ficou expresso que o desejo em se tornarem professoras não foi o motivo inicial para a escolha da profissão e sim, a possibilidade de obterem um retorno financeiro mais rápido somado a uma habilidade para o ensino percebida por outras pessoas.

Nesse sentido, percebe-se que elas começaram a se reconhecer como professoras na vivência da profissão, já que, inicialmente, suas dificuldades as faziam agir de maneira inadequada com os alunos e as alunas. Todavia, o investimento na formação profissional possibilitou-lhes a apropriação de alguns saberes necessários ao exercício da docência.

Não obstante, as falas transcritas não apontam para uma escolha profissional por parte da maioria dessas mulheres, todas demonstraram terem feito uma boa escolha e gostarem de trocar conhecimentos na relação ensino-aprendizagem, como expresso no depoimento da professora Miriã:

Eu me vejo realizada porque no meio de tanta gente, eu corri atrás, foi muito difícil porque eu queria mesmo fazer magistério, eu já tinha um filho, eu não tinha empregada, então, eu criei uma rotina assim de fazer

---

3 Entrevista concedida pela Professora Abigail.

coisas tarde da noite e muito cedo da manhã, eu tive que esquecer a casa e ser extremamente profissional, eu, às vezes, até me pego brincando com as minhas crianças sobre uma coisa assim tão séria e eu percebo que brincando a coisa fluiu, é[...] então, eu vejo que ao estar numa sala de aula a primeira coisa que a gente tem que fazer é olhar para as crianças e gostar de todas elas, porque no momento em que a gente olha e a gente gosta... assim, aquele olhar é uma comunicação tão boa que a gente se sente à vontade, a gente percebe que elas vão participar [...].<sup>4</sup>

Entretanto, cabe ressaltar que a relação da profissão docente como vocação – como “herança” do caráter religioso presente no início da profissão, como vimos - perdura ainda hoje, seja no sentido de tê-la ou não, assim, algumas professoras se percebem como vocacionadas, enquanto outras admitiram que começaram a se identificar com a docência no decorrer de sua experiência profissional, como apontado neste depoimento:

No meu tempo de estudante eu já sentia quando eu me reunia com minhas colegas, porque eu sempre ia explicar alguma coisa que elas não entendiam. Então, diziam que eu levava jeito, que eu tinha que ficar explicando, pois elas não entendiam com a professora. Eu percebi que levava jeito, então eu fui [...] eu fiz científico mas, apareceu a oportunidade de fazer magistério e eu já estava ensinando como voluntária na escola da minha cunhada e ela me disse para eu fazer magistério. Também sugeri que eu desse aula no colégio dela só por dois dias e fizesse o curso nos outros dias, aí eu aproveitei e fiz também o magistério. (Professora Débora).<sup>5</sup>

Percebemos também que o processo de identificação com a docência se expressa no sentimento de pertencimento à profissão docente, que é visível na fala de uma das participantes da pesquisa:

Eu sou uma professora feliz porque agora eu faço o que eu quero apesar do meu pai ter visto isso primeiro do que eu, eu sou realizada com o que eu faço por-

4 Entrevista concedida pela Professora Miriã.

5 Entrevista concedida pela Professora Débora.

que é aquilo que eu gosto, que eu amo, que amo ser professora, eu não me vejo em outra profissão, eu já fiz vários concursos mas, eu digo assim: gente, se eu tiver que abrir mão de ser professora, eu acho que eu não abro mão de ser professora, eu prefiro a minha profissão. (Professora Abigail).<sup>6</sup>

A formação para o ingresso na profissão é fundamental para essas protagonistas, pois todas acreditam que a docência requer uma preparação para o seu exercício, bem como, para o enfrentamento das situações cotidianas, pois reconhecem que ser professora requer conhecimentos, habilidades e base científica, pois para ela, está equivocado quem “Entra na Pedagogia, no “ôba, ôba” porque é mais fácil de passar, é mais fácil de entrar no mercado de trabalho. Não é assim, quando você entra numa sala de aula, se você não estiver preparado, você se assusta e no outro dia não volta mais [...]” (Professora Abigail).

Outro depoimento colhido no grupo focal evidencia a importância de ter conhecimentos advindos da formação profissional para a construção da sua identidade:

Eu me vejo assim: eu mudei da água para o vinho. Quando eu cheguei me sentia um peixe fora d’água, eu gritava, eu me estressava... eu não sabia...primeiro, porque eu peguei segunda série, eles eram todos pequenininhos...chegamos num momento difícil na escola, em que a gente “tirou” aquelas pessoas com quem eles já estavam acostumados, fomos vistas como aquelas que tiraram o emprego das outras, pegaram... foi nesse momento que a gente chegou, eu era um peixe fora d’água, não sabia nem para onde era que ia, eu não tinha afinidade com coisa alguma, então, pra mim foi muito difícil, depois, com o tempo é que a gente vai se aperfeiçoando, fazendo curso, é... fui lá pra Casa do Professor (Centro de Formação), eu mais a Lídia fizemos curso, foi aí que eu fui pegando gosto [...]. (Professora Abigail).

Para a realização de um bom trabalho, a maioria das professoras reconhece que é necessário se posicionar quanto ao que quer e demonstrar amor pelo que faz, como características indispensáveis

<sup>6</sup> Entrevista concedida pela Professora Abigail.

ao/a professor/a. Para tanto, deve, conforme depoimento da professora Abigail “Em primeiro lugar, amar o que faz, ser uma pessoa dinâmica, uma pessoa com conhecimento, uma pessoa que seja paciente, uma pessoa que diga assim: é isso o que eu quero!”

Como elemento crucial para a realização de um bom trabalho docente ficou em destaque o planejamento, como identificado na fala da professora Abigail:

Pois se você não planejar, vai dar aula de qualquer jeito e não pode ser de qualquer jeito, você tem que sentar e saber a melhor forma de passar esse conteúdo para que o aluno possa realmente aprender, porque se for de qualquer forma ele aprende de qualquer jeito ou até não aprende nada, tem que ter essa preocupação de planejar, conhecer o aluno e saber como ele está.<sup>7</sup>

No entanto, um dos aspectos evidenciados nas falas das participantes da pesquisa como diferencial da profissão docente das outras profissões, diz respeito, à desvalorização, inclusive, pelos próprios docentes:

Eu vejo que uns não valorizam e o próprio professor não valoriza, se você entra numa reunião de professor [...] eu acho que por conta disso quem está no poder não vê o professor como vê um médico, um advogado, um promotor, professor é só um professor [...]. (Professora Débora).<sup>8</sup>

Para elas, a profissão docente, mesmo sendo importante, não é valorizada socialmente, fator esse que se faz perceber no salário, como se encontra expresso nas falas das depoentes:

É uma das mais importantes profissões, deveria ser a mais bem remunerada e mais bem valorizada (Professora Ester).<sup>9</sup>

A própria professora diz assim: eu vou trabalhar para o meu filho ser doutor [...] mas, é muito difícil uma

---

7 Entrevista concedida pela Professora Abigail.

8 Entrevista concedida pela Professora Débora.

9 Entrevista concedida pela Professora Ester.

professora dizer: o meu filho vai ser professor! (Professora Miriã).<sup>10</sup>

Estes questionamentos nos remetem à reflexão de Nunes (2006, p. 224) ao afirmar:

Seria interessante perceber até que ponto o referendar destes atributos como sendo femininos tem se constituído como desqualificação do trabalho docente; e, em contraponto, como podem se reverter em um processo de reconhecimento da especificidade da docência a ser exercida nessas séries, traduzidas não como naturalmente femininas, mas como características próprias do ser humano, e que não se traduz como ausência de qualidade e competência.

Ao discutirem sobre o fato da docência ser exercida por mulheres ou homens, ficou claro nas falas das depoentes que essa profissão é destinada às mulheres e esse fato é justificado por fatores que variam desde a vocação e maternidade até, ainda segundo elas, à pouca ou nenhuma capacidade masculina de adentrar numa profissão que, no ensino fundamental menor, requer cuidados que somente uma mulher poderia ser capaz de realizar:

É profissão feminina, é coisa de mulher, até porque em Educação Infantil o maior número de alunos é menino, Ensino Fundamental é menino, quando chega na 8ª série o maior número de estudantes é mulher. Eu acho que o homem busca mais é cedo arrumar emprego, dinheiro e a mulher não. Ela busca um diploma, uma profissão em que ela possa trabalhar de segunda à sexta, ela gosta de se sentir como mãe, não só como professora, então, as profissões que mais cabem são as de professora e enfermeira, não é? [...]. (Professora Miriã).

Para as professoras pesquisadas a docência nas séries finais do ensino fundamental é atributo feminino devido a uma suposta habilidade, um dom maternal e, por isso, algo inalcançável aos homens que, ao tentarem insistir na profissão docente nas salas de aula de crianças, correm o risco de não terem a chance de atuar nas salas de aula.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida pela Professora Miriã.

## Considerações

Nessa etapa do trabalho, percebemos o quanto ainda precisamos percorrer no sentido de apreender o objeto em questão **“FEMINIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE**: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental”, Pois, à medida que exercitamos as leituras, sempre aparecem novas informações que dão corpo ao trabalho, e que nos deixam uma certeza: a (in)conclusão.

Empreendemos esforços no sentido de relacionar a identidade e a feminização docente com base nas representações de cinco mulheres professoras que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental, de quem colhemos informações preciosas quanto ao objeto de estudo e também, plantamos algumas reflexões.

Esta colheita, podemos assim dizer, foi feita a partir da realização de três sessões de grupos focais, em que observamos atentamente suas falas e, é claro, os gestos, os olhares, os sorrisos e os silêncios que, em certos momentos, são mais reveladores do que qualquer palavra.

Pautamos o nosso estudo sobre as representações culturais com base em Chartier, para quem “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Também fizemos a análise de conteúdos fundamentados em Bardin (2010) por afirmar a obscuridade das imagens a ponto de exigir uma interpretação, mensagens com um duplo sentido cuja significação profunda só pode surgir depois de uma observação cuidadosa ou de uma intuição carismática. Por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar.

Em relação à identidade, estivemos ancoradas em Dubar (1997, p.13), que assim a define:

A identidade de alguém é, no entanto, aquilo que ele tem de mais precioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, de sofrimento, de angústia e de morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma

vez por todas, no acto do nascimento [...]. O indivíduo nunca a constrói sozinho: ela depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é um produto de sucessivas socializações.

Nesse sentido, procuramos situar a profissão docente considerando a sua historicidade, inclusive com a consciência da dificuldade de identificar, entre os docentes, as mulheres professoras, segundo Perrot (2005) silenciadas na história pelo fato de serem mulheres nas sociedades patriarcais, principalmente pelo fato de os registros históricos terem saído de mãos masculinas.

Assim fica mais fácil entender o porquê da importância das representações para a manutenção do poderio masculino, pois, segundo Chartier (1990, p. 22) “Assim deturpada, a representação transforma-se em máquina de fabrico de respeito e de submissão, num instrumento que produz constrangimento interiorizado, que é necessário onde quer que falte o possível recurso a uma violência imediata”.

No entanto, mesmo tendo convivido com o preconceito, sendo consideradas incapazes de desenvolver atividades culturalmente construídas, como masculinas, muitas mulheres romperam essas barreiras, embora pagando caro por isso, a ponto de serem marginalizadas socialmente. Foram mulheres que não se deixaram calar, tiveram ousadia para enfrentar as imposições dos pais, irmãos, filhos e maridos e, muitas vezes, da Igreja.

As mulheres, então, puderam provar no decurso da história, que são duplamente capazes, primeiro, de exercerem seu papel na esfera pública, seja na docência ou em qualquer outra área e, segundo, por fazer tudo isso sobrevivendo com bravura às limitações socioculturais.

As protagonistas desta pesquisa, em quase sua totalidade, relataram que o ingresso na profissão docente se deu involuntariamente, ou seja, a pedido dos pais, e por conveniência, já que, as dificuldades financeiras exigiam que elas buscassem uma profissão que garantisse maiores possibilidades de emprego e de forma mais rápida. Contudo, afirmaram terem gostado da profissão com o passar do tempo. Acreditamos que esses depoimentos são reveladores de como as representações acerca da mulher, na profissão docente, no ensino

fundamental, se fazem presentes nos discursos e nas práticas das mulheres professoras investigadas, e de uma forma tão velada que ao passo que as discussões se desenrolavam nas sessões dos grupos focais, percebia-se sua rejeição à ideia da docência ser exercida por homens nas séries iniciais.

Elas também revelaram em suas falas que o fato de serem mulheres constituiu-se num grande aliado para o exercício profissional por acreditarem que a maternidade, dom feminino, teria grande espaço de expressão nas salas de aula com seus alunos e alunas.

Para elas, os espaços de atuação na docência já estão delimitados de maneira que as mulheres exerçam suas atividades com os alunos e as alunas menores e, os homens, com os maiores, já que, segundo elas, os homens são mais racionais e as mulheres são mais cuidadosas, verdadeiras mães.

A maior presença de mulheres na profissão docente no ensino fundamental menor não é somente vista com naturalidade, mas como essencial ao desenvolvimento seguro das crianças, enquanto que, aos homens professores cabem as salas de aula dos alunos maiores, pois, conforme o que as professoras pesquisadas expressaram, eles são mais técnicos, não têm tempo a perder com o ensino de conteúdos elementares e também, fazem valer sua autoridade, ou melhor, o autoritarismo, fundamental para lidar com um alunado de maior idade.

Portanto, as protagonistas desse estudo acreditam que, em se tratando de profissão docente, as mulheres têm um perfil para ensinar crianças e os homens para o ensino dos alunos maiores ou adultos, devido a características inerentes ao gênero.

Finalizamos, buscando explicitar o alcance de nosso objetivo, isto é, refletir sobre as representações das mulheres professoras sobre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. Fi-lo-emos mediante o relato da realização dos grupos focais e de nossos achados, partindo das falas das cinco professoras participantes.

Além disso, as professoras, mesmo declarando reconhecerem a competência de homens e mulheres para o exercício docente, afirmaram que as mulheres têm melhores condições de ensinar as crianças do

ensino fundamental menor por possuírem o dom da maternidade, necessário aos cuidados inerentes ao trato com as crianças.

Portanto, as protagonistas desse estudo acreditam que em se tratando de profissão docente, as mulheres têm um perfil para ensinar crianças e os homens para o ensino dos alunos maiores ou adultos, devido a características inerentes ao gênero.

Assim sendo, concordamos com Abreu (2008) quando afirma que a perspectiva de gênero ao envidar esforços para romper com a naturalização de processos sociais, tem desvendado os mecanismos de ocultação das diferentes formas de dominação, opressão, repressão e exploração.

Dessa forma, mesmo considerando as dificuldades de romper com valores arraigados e “verdades” preestabelecidas, acreditamos que mulheres e homens têm muito a contribuir com a profissão docente, com suas próprias diferenças, já que, a identidade desses profissionais vai além de características determinadas culturalmente como femininas ou masculinas, transcendendo a estas representações que se manifestam na identidade docente.

## Referências

ABREU, Janette. **Relações de gênero e suas influências na escolha do curso de Pedagogia do Campus da Universidade Federal do Maranhão**. São Luís: UFMA, 2008.

ANDRÉ, M. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília, DF: Liberlivros, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 1989.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. MEC/INEP. Censo Educacional. 1997. Disponível em: <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>. Acesso em: 22 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. IBGE. **Pesquisa por média salarial de professores.** 2006. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. MTE/RAIS. **Pesquisa por população economicamente ativa.** 2002. Disponível em: <www.mte.gov.br>. Acesso em: 18 fev. 2012.

CHARTIER, R. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. **A História Cultural entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DUBAR, C. **A socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. Tradução de Annette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto: Ed. Porto, 1997.

\_\_\_\_\_. **A crise das identidades.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **A socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

MEDINA, A. **Organización de la formación y desarrollo profesional del docente universitario.** Madrid: Universidad de Alcalá, 1998.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NUNES, I. **Ideal mariano e docência:** a identidade feminina da Proposta Educativa Marista. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

OLIVEIRA, Kelly Almeida de. **A construção cultural da identidade do/a pedagogo/a pelo currículo.** 2011. 70 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RAMALHO, B. et al. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**: Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUSA, V.; CARVALHO, M. **Por uma educação escolar não-sexista**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2003.